

## CAPITULO QUARTO

## Da irritabilidade

## I

Glisson e Haller

Superior ao seculo em que viveu, ousara Glisson (1) calcar aos pés os preconceitos do cartesismo em vigor então, e dotara a fibra animal com uma propriedade inherente á mesma fibra, e que elle denominou *irritabilidade*.

As entidades abstractas, verdadeiras substancias independentes do corpo, sobrepostas á materia para vivifical-a no vitalismo antigo, iam ceder o passo ás forças vitales do vitalismo organico.

A doutrina de Glisson era uma verdadeira revolução, mas os animos não estavam preparados para acolhel-a.

Sthal e Hoffman, que utilisaram as ideas do professor de Cambridge, não souberam tirar d'ellas todo o proveito que era permittido esperar; e a nova doutrina, destinada a abrir novos e dilatados horizontes ás sciencias medicas, era já completa-

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, pp. 3—6.

mente esquecida pelo meado do seculo XVIII (1), havendo apparecido em scena por fins do seculo anterior.

Para Glisson a irritabilidade era a propriedade que tinha toda a fibra animal de reagir por contracções aos irritantes interiores e exteriores. Assim admittia elle tres especies de irritabilidade: *naturalis*, *sensitiva* e *appetitiva*. A primeira era common aos solidos e liquidos da economia; determinava a segunda o movimento pela acção dos nervos sobre os musculos; dizia respeito a terceira á acção do cerebro sobre o systema muscular, isto é, aos movimentos voluntarios (2).

É certo todavia, que só depois de Haller a irritabilidade foi completamente demonstrada. Tornou-se então bem nitida a distincção, que já Glisson apontara, entre a sensibilidade e a irritabilidade, mas Haller fixou esta nos musculos, e aquella nos nervos: *Sola fibra muscularis contrahitur, sensit solus nervus* (3).

A irritabilidade ficou por então limitada a designar a propriedade, que têm os musculos de con-

(1) Berard, *Cours de physiologie, prolégomènes*, p. 122.

(2) Bernard, *Leçons sur les propriétés des tissus vivants*, p. 65.

(3) Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, p. 149.

trahir-se independentemente de toda a acção nervosa. É o que hoje se chama *contractilidade* muscular ou simplesmente *contractilidade*.

Por seus innumerados experimentos em animaes vivos foi Haller o verdadeiro fundador da *physiologia experimental*, que tantos serviços tem prestado á sciencia nas mãos de seus fervorosos cultores.

Fez-se depois um retrocesso para as ideas de Glisson. Brown, chamando *incitamenta* ou *incitantes* aos agentes exteriores, que actuam sobre o organismo, e *incitabilidade* á propriedade que têm os corpos vivos de reagir ás influencias extranhas, não fez mais que decorar com outros nomes a já idea antiga.

Mais tarde denomina Tiedemann *excitabilidade* o que Brown chamara *incitabilidade* e Glisson *irritabilidade*; mas, sejam *irritantes*, *incitantes* ou *excitantes*, o nome não impede que a idea fique sempre a mesma.

## II

Virchow e Bernard

Segue-se Virchow, que das expressões anteriores adopta indifferentemente a primeira ou a ultima.

Excitabilidade ou irritabilidade é para elle «o unico criterio que nos permite julgar se uma parte é ou não viva (1)».

«É na actividade que nós achamos a caracteristica da vida, numa actividade, que cada parte individual, segundo suas propriedades, torna um tanto particular; numa actividade que tem todavia alguma coisa de semelhante em cada parte individual, e por onde a vida se harmonisa com a das outras partes: porque sem isto não seriamos auctorisados a considerar a vida, como uma coisa semelhante em todos os corpos organisados, tirando sua origem de um ponto de partida commum (2)».

Tem a irritabilidade na cellula a sua séde. ... «É que todas as partes do corpo se subdividem em muitos pequenos centros, e não existe em nenhuma parte, ao menos até onde as noções da actualidade podem demonstral-o, um ponto anatomico central

(1) Virchow, *La pathologie cellulaire*, p. 240.

(2) Idem, loc. cit., p. 239.

d'onde possam deduzir-se por modo accetivel todos os actos do organismo (1)».

Virchow admitte tres especies de irritabilidade: *funcional, nutritiva e formativa* ou de *desenvolvimento* (2).

E não só irritantes physiologicos, senão tambem pathologicos. São estes as causas de todas as nossas molestias.

Não fez o insigne micrographo allemão theoria especial das febres; a julgar porem de suas expressões não o cremos em opposição á de Bernard. «Pode tirar-se, diz elle, d'estas experiencias (secção do sympathico cervical) uma deducção importante: que a dilatação do vaso, ou, para melhor dizer, que a relaxação vascular, seja resultado immediato de uma paralytia dos nervos, ou consequencia da interrupção do influxo nervoso, ou que resulte de uma irritação seguida de cansaço muscular ...o vaso, em todos os casos supra-enunciados acha-se inteiramente passivo (3).»

E logo na pagina seguinte: «*Tanto mais activo for o vaso, quanto menos consideravel será o affluxo sanguineo* (4).»

Dado pois um irritante pathologico, que actue

(1) Virchow, *La pathologie cellulaire*, p. 241.

(2) Idem, loc. cit., pp. 237.

(3) Idem, loc. cit., p. 102.

(4) Idem, loc. cit., p. 103.

sobre os nervos ou sobre os musculos dos vasos de maneira a relaxar estes, seguir-se-ha a acceleraçãõ do movimento sanguineo.

Já vimos que esta explicação dos phenomenos febris é pura hypothese.

Cl. Bernard, acceitando a doutrina de Virchow sobre a irritabilidade, observa que as tres especies podem reduzir-se a duas, porque a irritabilidade de desinvolvimento é apenas uma das manifestações da irritabilidade nutritiva (1); e divide os irritantes em *physicos, chimicos* e *vitales* (2).

(1) Bernard, *Leçons sur les propriétés des tissus vivants*, p. 85.

(2) Idem, loc. cit., pp. 86 e seguintes.

---

## CAPITULO QUINTO

## Anatomia pathologica

## I

## Sua origem

Era apenas começado o seculo XVI, quando viu a luz da publicidade uma obra, cujo alcance mal podia prever-se então. Intentara Benevieni, seu auctor, natural de Florença, procurar no cadaver as causas occultas das molestias, e deduzir d'ahi os meios, que poderiam produzir a cura (1).

Enthesourava o livro observações necroscopicas de necessidade muito imperfeitas, mas cuja só idea bastava para immortalisar quem a concebera, pois que nisso ia nada menos, que a fundação da anatomia pathologica. Depois era só continuar o estudo na mesma direcção, ir recolhendo factos, que cada dia se haviam de tornar mais numerosos, mais satisfactorios, mais concludentes, porque de seu se aperfeiçoariam os processos, se facilitariam as investigações.

(1) Benevieni, *De abditis nonnullis ac mirandis morborum et sanationum causis*, 1506.

Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, p. 102.

E de feito assim foi; todavia só em 1670 veio a lume a obra de Thomaz Bartholino (1), por ventura motivada pelos conselhos de Bacon, e pelos seus encomios a Baillou, medico de Pariz, que o celebre Chancellor propunha como modelo digno de seguir-se, só porque colleccionava os casos pathologicos da sua pratica, e os effeitos do tractamento, que havia empregado (2).

Pouco depois appareceu o *Sepulchretum* de Theophilo Bonet (3), collecção de observações parte proprias, parte alheias, todas imperfeitas, algumas truncadas, muitas de uma inexactidão palpavel (4), mas que a despeito de tudo isto, pelo movimento que de tal obra se originou, mereceu ao grande Haller a seguinte expressão: *quale est, immortale est opus* (5).

(1) Bartholin, *De Anatome practica, ex cadaveribus mortuorum adornanda*. Copenhague, 1670.

(2) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, pp. 59 e 219.

(3) Bonet, *Sepulchretum anatomicum*, 1679.

(4) Broussais, loc. cit., pp. 220 e 221.

(5) Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, p. 103.



## II

Morgagni

Quasi um seculo era já passado, quando um novo contendor entrou na arena (1). Mais robusto e melhor abroquelado, que os seus predecessores, ia Morgagni tentar o que não poderam conseguir esforços d'elles.

Haverá nas molestias uma relação constante entre os symptomas observados durante a vida e as lesões organicas reveladas pela autopsia?

Sendo assim, é a lesão a causa proxima da molestia, e a cura d'esta fica dependente da restituição do orgão ao estado normal.

Eis a idea que o preoccupa, e que só por si traz o germen de uma revolução.

Para resolver um tal problema era mister abrir muitos cadaveres, conhecer perfeitamente os orgãos no estado de saude para bem apreciar-lhes os desvios pathologicos, e confrontal-os com o apparatus symptomatologico por que a molestia se manifestara.

Mas como estabelecer tal confronto sem as luzes da medicina prática? Morgagni era anatomico e não

(1) A obra de Morgagni intitulada *De sedibus et causis morborum per anatomem indagatis*, saiu á luz em 1762.

clinico, limitado, em geral, a dissecar cadaveres de individuos, que não havia tractado, foi este o principal obstaculo á consecução do seu fim. Todavia porque melhor expoz a materia, porque maior numero de observações reuniu e mais bem feitas, foi elle quem assegurou o futuro da Anatomia pathologica, porque d'elle derivaram e por elle se generalisaram as tendencias, d'orávante sempre crescentes, para a localisação das molestias.

Mais tarde, creada a Anatomia geral, descoberto o microscopio, e applicados os reactivos chimicos, órgãos, tecidos, e elementos anatomicos, solidos e liquidos, tudo era explorado, e de toda a parte accorriam novos materiaes, com que se foram alargando e aprofundando os alicerces de uma doutrina tambem nova, que sob o nome de *organicismo* começava a despontar.

Morgagni porem que não dispunha de taes meios, e que por isso apenas poudo observar as lesões dos órgãos, descreve-as a começar da cabeça, continuando pelo thorax e terminando no abdomen (1), ordem que já seguira Bonet.

Remata o seu livro o estudo das febres, que tornando-se de ordinario mortaes pelas lesões organicas, que as acompanham, razão é, que d'estas se-

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 2.º, pp. 231—300.

jam precedidas. Não que as febres sejam symptomaticas sempre; ao contrario neste ponto o auctor é naturista puro: fermentam os humores, lucha a natureza para expulsar a materia morbigena, e só quando esta, em vez de sahir do organismo, é arrojada sobre algum orgão, chega a apparecer a inflammção, effeito tornado causa, que pode tambem por si entreter e prolongar a febre.

---

## CAPITULO SEXTO

## Organicismo

É a doutrina organica a um tempo cupula e remate de todos os trabalhos, esforços e descobertas, que desde a eschola de Alexandria até aqui mui succintamente viemos referindo.

Explicar a vida pelas forças do organismo, a molestia pelas lesões materiaes dos solidos ou dos liquidos, tal é o seu empenho. Os progressos da anatomia normal e pathologica, os descobrimentos da physiologia experimental, os aperfeiçoamentos da physica e da chimica, são os meios que emprega. Eis os seus principios (1):

Todos os phenomenos vitaes da organização podem reduzir-se a tres grandes expressões:

Nutrição — Locomoção — Sensação.

Mas estas funcções suppõem outras tantas propriedades correspondentes:

Formatividade — Motricidade — Sensibilidade.

E como a propriedade é a aptidão para o movimento, o qual sem a existencia de uma força não pode realisar-se, conclue-se que áquellas proprie-

(1) Savignac, *Principes de la doctrine et de la méthode en médecine*, pp. 142, 271 e seguintes.

dades correspondem ainda tres forças apropriadas:

Força formatriz—Força motriz—Força sensitiva.

Se pois estas forças não podem ser attributos de um principio vital impossivel (1), de necessidade havemos de consideral-as inherentes ao organismo.

Logo:

1.º Para explicar os phenomenos vitaes não é preciso recorrer a principios abstractos. A vida é o resultado da organização, isto é, de um modo especial de combinação da materia, e das forças tambem especiaes com que a dotou o creador.

Os corpos organisados são compostos de partes, que se denominam orgãos; os orgãos executam as funcções para que foram creados. Não ha orgão sem funcção, nem funcção sem orgão. Da integridade material d'este depende a regularidade d'aquella; as alterações de um importam ás da outra. Por conseguinte a doença, que se traduz por um desvio do functionalismo normal, tem necessariamente um *substractum* organico. A sua razão de ser está no orgão lesado. Logo:

2.º Não ha molestia sem lesão material nos solidos ou nos liquidos, ou nuns e noutros.

Onde até hoje não foi possivel demonstrar a lesão é mais logico suppol-a, que soccorrer-se á pre-

(1) *Pyretologia theorica*, etc., pp. 203—207.

tendida lesão de uma substancia abstracta, para a qual a demonstração será impossivel sempre. Quantas lesões de órgãos se têm descoberto, que ainda ha pouco eram ignoradas? Pois bem, o que falta, fal-o-ha o futuro.

Para o organicista não ha pois, não pode haver, senão febres symptomaticas. É uma consequencia rigorosa da sua doutrina. Que importa que elle não possa apontar com o dedo a lesão material, se o raciocinio lhe dispensa encontral-a, se o suppol-a é já crer na sua existencia?

É certo que entre o organicista e o vitalista ha um abysmo; que é mais logico o primeiro crendo numa lesão, que não pode demonstrar actualmente, do que o segundo prestando fé ao que jámais poderá tornar-se tangivel. Mas o vicio, embora confessado, é vicio sempre. O organicista lembra o passado e appella para o futuro; o vitalista nem tem que lembrar, nem para que appellar. Todavia em quanto novos meios de observação não vierem patentear essas lesões desconhecidas, não poderá seguramente affiançar-se a sua existencia, embora tudo leve a crel-a.

Continuaremos pois a admittir febres *essenciaes*, entendendo por esta expressão: febres que no estado actual da sciencia não podem filiar-se na lesão de órgão algum.

## SECÇÃO TERCEIRA

### Methodismo e suas modificações

---

#### CAPITULO PRIMEIRO

##### Methodismo propriamente dicto

###### I

###### Asclepiades

O abuso das hypotheses e das abstracções, em que se lançaram os dogmaticos fizera nascer o empirismo. Este porem abrindo caminho aos especificos e á polypharmacia fizera pulullar as receitas secretas e os charlatães, que, tornando a medicina uma especulação vil, desgostaram profundamente os poucos, que desejavam vel-a em toda a altura da sua missão augusta.

Estava pois franco o estadio. Um novo systema que tentasse firmar pé sobre as ruinas, que se haviam cavado os existentes, acharia facil ingresso. Esse foi o methodismo, de que Themison é o verda-

deiro auctor, com quanto assentasse Asclepiades (1) a primeira pedra para a sua edificação.

Não descendia este philosopho, como seu nome induz a crer, dos antigos Asclepiades de que Hippocrates derivara. Vindo a Roma tentar fortuna, tornou-se medico, sendo rhetorico; e para explorar os gostos e inclinações dos Romanos creou-lhes um systema pathologico em harmonia com a philosophia epicurista, muito apreciada então na capital do mundo.

Tinha esta philosophia toda materialista o seu seu ponto de partida nos atomos de Democrito. Asclepiades imaginou pois atomos materiaes de diferentes grandezas; os maiores, cuja reunião constituia a parte solida dos corpos, deixavam entre si, por suas variadas formas, espaços vãos ou poros de diversas dimensões, por onde circulavam continuamente os atomos menores dotados de movimento espontaneo. Nestes havia ainda tres diversas graduações: os mais tenues formavam o calor e os espiritos, os outros constituiam os humores.

Representa o corpo animal neste systema uma especie de crivo, em que circulam de continuo pequenos corpos em movimento. A diminuição dos poros ou o augmento dos corpusculos, que devem

(1) Broussais, *Examen des doctrines médicales*, troisième édition, Paris, 1829, t. 1.º, p. 97.